



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social,
do Trabalho e das Organizações (PPG-PSTO)

Dissertação de Mestrado

Polarização Política Afetiva, Empatia, Desumanização Explícita e Ideologia Política

Mario Gloria Filho

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Pilati

Brasília - DF

Agosto de 2022



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social,
do Trabalho e das Organizações (PPG-PSTO)

Polarização Política Afetiva, Empatia, Desumanização Explícita e Ideologia Política

Mario Gloria Filho

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social,
do Trabalho e das Organizações como requisito
parcial à obtenção do grau de Mestre em
Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Pilati

Brasília - DF

Agosto de 2022

Banca Examinadora

Prof. Dr. Ronaldo Pilati
Presidente da Sessão de Defesa
Universidade de Brasília – UnB

Prof. Dr. Ângelo Brandelli Costa
Membro Avaliador Externo
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

Prof. Dr. Tiago Jessé Souza Lima
Membro Avaliador Interno
Universidade de Brasília - UnB

Prof.a. Dra. Elaine Rabelo Neiva
Membro Suplente
Universidade de Brasília - UnB

Sumário

Lista de Tabelas	5
Lista de Abreviações.....	6
Lista de Anexos.....	7
Resumo.....	8
Abstract.....	9
Introdução	10
Conflito entre grupos.....	11
Desumanização.....	16
Empatia	20
Ideologia Política	23
Método	25
Participantes.....	25
Instrumentos.....	26
Escala de Desumanização Explícita.....	26
<i>Interpersonal Reactivity Index (IRI)</i>	27
Termômetro de Sentimentos.....	28
Escala Bidimensional de Ideologia Política.....	28
Escala de Autoidentificação de Cinco Pontos	29
Voto no Segundo Turno de 2018.....	29
Procedimentos de Coleta e Análise dos Dados.....	29
Resultados.....	30
Discussão.....	34
Referências.....	42
Anexo I.....	54
Anexo II.....	55
Anexo III.....	57
Anexo IV	60
Anexo V.....	62
Anexo VI.....	63

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Correlações Bivariadas entre as Variáveis

Tabela 2 - Regressão Múltipla das Variáveis de Interesse em Polarização Política Afetiva

Lista de Abreviações

AD – *Animalistic Dehumanization*
ANES – *American National Election Services*
ANOVA – *Analysis of Variance*
APP – *Affective Political Polarization*
CI – *Confidence Interval*
DH – *Dehumanization*
ED – *Explicit Dehumanization*
EMP – *Empathy*
EMP: EC – *Empathy - Empathic Concern*
EMP: FY- *Empathy – Fantasy*
EMP: PD – *Empathy – Personal Distress*
EMP: PT - *Empathy – Perspective Taking*
GNAT – *Go/NoGo Association Test*
HN – *Human Nature*
IAT – *Implicit Association Test*
IRI – *Interpersonal Reactivity Index*
MD – *Mechanistic Dehumanization*
PID – *Political Identification*
PIEC – *Political Ideology Economy*
PISM – *Political Ideology Social/Moral*
SD – *Standard Deviation*
SIT – *Social Identity Theory*
UH – *Uniquely Human*

Lista de Anexos

Anexo I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Anexo II – Escala de Ideologia Política

Anexo III – Termômetro de Sentimentos

Anexo IV – Índice de Reatividade Interpessoal

Anexo V – Escala de Desumanização Explícita

Anexo VI – Dados Demográficos

Resumo

O distanciamento afetivo entre pessoas que sustentam diferentes opiniões políticas parece tomar grandes proporções no Brasil atualmente. Tal polarização costuma dar-se em torno de questões ideológicas que, com frequência, resultam em animosidade entre diferentes grupos sociais. O presente trabalho teve como objetivo principal montar um modelo explicativo para a polarização política afetiva composto pelas variáveis antecedentes de desumanização, ideologia e empatia. Com uma amostra de 268 participantes de todos os estados brasileiros, encontramos, por meio de uma regressão linear e correlações bivariadas, que o modelo composto pelas três variáveis é capaz de explicar a polarização em 11,9%, sobretudo a variável de desumanização. A desumanização é um viés de grupo deslegitimizante que autoriza grupos sociais a tratarem seus diferentes como menos detentores de dignidade e de direitos morais. Além disso, os resultados também sugerem que participantes que se identificam como de esquerda apresentam maiores níveis de empatia. No entanto, isso não os impede de igualmente desumanizar, como participantes com outras identificações políticas, sugerindo que a empatia parece não ter efeito em relações polarizadas, tal qual sugere o senso comum.

Palavras-chave: polarização política afetiva; desumanização; empatia; ideologia política; psicologia política

Abstract

Affective distancing among people who sustain divergent political opinions seems to be taking increasing proportions in Brazil currently. Such polarization frequently occurs around ideological issues and often result in animosity between different social groups. This paper aims to build an explanatory model for affective political polarization composed of three dependent variables – dehumanization, ideology and empathy. With a sample of 268 participants from all Brazilian states through a linear regression model and bivariate correlations, we found out that our model can explain affective political polarization in 11,9%, especially the dehumanization variable. Dehumanization is a delegitimizing cognitive bias that entitles social groups to treating others demeaningly, with less dignity and moral rights. Our results also suggest that participants who identify as left-wing present higher levels of empathy. However, this did not cease them from equally dehumanizing, just as participants with other political identifications. This suggests that empathy may not lessen in anyway polarized relationships among groups, contradicting what common sense often preaches.

Keywords: affective political polarization; dehumanization; empathy; political ideology; political psychology

Em junho de 2009 o ex-presidente Barack Obama fez uma viagem ao Egito na qual acenou aos povos muçulmanos uma nova possível aliança com os Estados Unidos. Naquela ocasião o ex-presidente, diplomaticamente, também relembrou da antiga aliança entre Israel e o seu país, visitando o campo de concentração de Buchenwald, na Alemanha.

Ao lado da Chanceler alemã, Angela Merkel, e do ganhador do prêmio Nobel da Paz e sobrevivente de Buchenwald, Ellie Wiesel, o ex-presidente afirmou: “Esse lugar nos ensina que devemos sempre prestar atenção ao alastramento do mal em nossos tempos, devemos rejeitar o falso conforto de que o sofrimento alheio não é nosso problema e nos comprometermos a resistir a aqueles dispostos a subjugar os outros para servir ao seu interesse próprio.” (The Obama White House, 2009, 5:00). A fala do ex-presidente americano foi marcante e fez lembrar de como episódios de desumanização entre grupos foram marcadores históricos relevantes para eventos de crueldade que macularam a humanidade.

Em meio a uma retórica política polarizada, a desumanização de grupos com os quais não nos identificamos, parece estar se tornando acentuada. Há uma crescente ocorrência de discursos desumanizadores que diminuem a percepção de exogrupos como detentores de direitos morais. Ainda hoje, nos últimos anos de 2020 e de 2021, líderes de países influentes, que servem de referencial a democracias no mundo inteiro, referem-se a certos grupos de pessoas como “cachorros” e “porcos gordos” imigrantes como “animais” e a chegada a seu país como “infestação” (Simon, 2018). Além disso as redes sociais rapidamente empurram as pessoas com as quais discordamos para o território da exclusão e do completo anonimato por meio das câmaras ecoantes criadas por seus algoritmos (Terren & Borge-Bravo, 2021).

A polarização política afetiva que ocorre no Brasil nos últimos anos parece exercer importante influência em processos de distanciamento afetivo grupal (Gloria Filho &

Modesto, no prelo). Tais processos incluem, com frequência, crenças de desumanização recíproca (Kteily et al., 2015; Kteily et al., 2016), que são precursores muito potentes do conflito violento entre grupos. Pessoas com as mais diferentes identificações políticas, em algum momento, desumanizam e falham em empatizar com diferentes visões políticas por meio de um discurso hostil e violento.

O presente trabalho tem como objetivo geral testar explicativo para a polarização política composto pelas variáveis preditoras de desumanização explícita, empatia, ideologia política. Os objetivos específicos são (1) medir a desumanização explícita do exogrupo nos grupos autoidentificados como de esquerda, de direita e de centro; (2) testar a relação entre polarização política afetiva e desumanização; (3) testar a relação entre polarização política afetiva e empatia; (4) medir a empatia de pessoas que se identificam como de esquerda, de direita e de centro. As hipóteses do trabalho são (1) participantes de esquerda desumanizam mais seus exogrupos políticos que participantes de direita; (2) a polarização política afetiva e a desumanização estão positivamente correlacionadas; (3) a polarização política afetiva e a empatia estão negativamente correlacionadas; (4) participantes de esquerda apresentam maiores níveis de empatia quando comparados a participantes de direita.

Conflito entre grupos

Evidências sugerem que nos últimos anos brasileiros vem percebendo suas filiações políticas quase como times esportivos (Gloria Filho & Modesto, 2019). Filiações políticas seriam, portanto, marcadores identitários de grupo, ou seja, ser de um determinado posicionamento político automaticamente torna o indivíduo membro de um grupo. Esta lógica invoca a psicologia dos grupos que é estudada em contextos de relações entre grupos pequenos (como turmas de uma escola), grandes (bairros, universidades, empresas), ou ainda maiores (países, relações entre gêneros, relações entre grupos religiosos etc.) (Yzerbyt & Demoulin, 2010). O posicionamento político do indivíduo, e os conflitos decorrentes dessa

identificação, podem ser entendidos com base na Teoria da Identidade Social -SIT (Tajfel & Turner, 1979). Experimentos em psicologia social demonstram que a participação em grupos que compartilham alguma característica, ainda que aparentemente trivial, é o suficiente para acionar o favorecimento em relação ao endogrupo e a derrogação em relação ao exogrupo (Tajfel et al., 1971; Billig & Tajfel, 1973). A identidade social consiste nos aspectos da autoimagem de uma pessoa que deriva das categorias sociais nas quais ela acredita pertencer (Tajfel & Turner, 1979). A crença no pertencimento a um grupo, entre dois distintos ou mais, é suficiente para acionar a discriminação entre grupos em favor do endogrupo (Tajfel & Turner, 1979; Tajfel et al., 1971). Portanto, o simples fato de uma pessoa identificar-se com a esquerda ou com a direita é capaz de propiciar a hostilidade em relação ao exogrupo (Iyengar et al., 2012). Contudo, perceber-se como diferente ou parecido a outros não é o suficiente para que o conflito seja acionado. Os indivíduos devem definir-se e serem definidos por outros como membros de categorias diferentes (Tajfel & Turner, 1979).

O conceito de grupo para a Teoria da Identidade Social é um conjunto de indivíduos que se percebe como membro de uma mesma categoria social, compartilha envolvimento emocional comum e alcança algum grau de consenso social a respeito da avaliação do seu grupo e de seu pertencimento a ele (Tajfel & Turner, 1979). O comportamento intergrupar é compreendido enquanto qualquer comportamento emitido por um ou mais atores em direção a outros que é baseado na identificação do emissor de que ele e o outro pertencem a categorias sociais diferentes (Tajfel & Turner, 1979). As categorias sociais podem ser compreendidas enquanto ferramentas cognitivas que organizam o ambiente e provêm um sistema de auto orientação, definindo o lugar do indivíduo na sociedade. Tais identificações são, em larga medida, relacionais e comparativas. Elas definem os indivíduos enquanto “semelhantes” e “diferentes” ou “melhor” e “pior” que membros de outro grupo (Tajfel & Turner, 1979).

A hostilidade, o estigma e o desejo de distanciamento decorrentes desta rivalidade entre grupos políticos é a polarização política afetiva (Iyengar et al., 2019; Iyengar & Massey, 2018; Iyengar & Krupenkin, 2018; Iyengar et al., 2012). A polarização política afetiva trata, portanto, de como um grupo com determinada identidade política relaciona-se com um grupo com identidade diferente da sua de forma estigmatizada. Esse estigma traduz-se em atitudes como o desejo de distância social e desconfiança (Iyengar & Westwood, 2015), escolha de parceiros afetivos apenas da mesma filiação política (Huber & Malhotra, 2017), minimização das habilidades cognitivas (Stankov, 2009) e das necessidades psicológicas (Schroder & Epley, 2020) do exogrupo. Atualmente o estigma por identificação política tem apresentado mais intensidade que vieses de grupo mais antigos como raça e religião (Iyengar & Westwood, 2015). Diferentemente de outros momentos da história onde o motivador para engajar-se na política era o entusiasmo pelo próprio partido ou candidato, atualmente, a hostilidade pelo exogrupo é o que tem tornado as pessoas mais inclinadas a engajarem-se (Iyengar & Krupenkin, 2018). Nos Estados Unidos, por exemplo, Democratas e Republicanos afirmam que os membros do outro partido são hipócritas, egoístas e possuem mentes fechadas. Da mesma forma membros desses grupos não demonstram qualquer vontade de socializar com membros do exogrupo (Iyengar et al., 2019). Ser “de direita” ou “ser de esquerda” não seria apenas acreditar em um conjunto de ideias, ideologias e políticas, mas também uma filiação grupal que é percebida com rivalidade por um exogrupo que acredita em outro arranjo ideal para a sociedade.

Diferentemente do que ocorre com outros grupos sociais, a derrogação por identificação com uma filiação política é, com frequência, explícita e, até mesmo, esperada, sendo perfeitamente aceitável que pessoas que se identificam com um grupo político tentem humilhar publicamente os seus oponentes (Iyengar et al., 2019).

No cenário atual, o favoritismo por um grupo político está cada vez mais relacionado à difamação do grupo considerado oponente (Iyengar et al., 2012). Ao longo dos últimos 20 anos, a quantidade de pessoas que avaliam negativamente partidos políticos com os quais não se identificam triplicou (Iyengar & Massey, 2018). Possíveis explicações para essas tendências residem na formação de ambientes virtuais com os quais só se tem acesso a uma opinião (Del Vicario et al., 2016). A construção de campanhas políticas com uma retórica agressiva, divisora e difamatória (Levendusky, 2013) e a comunicação interativa viabilizada pelas redes sociais onde é possível, entre diversas possibilidades, difamar o exogrupo em tempo real (Flaxman et al., 2016).

Tais comportamentos ocorrem no contexto de um complexo mundo social. A fim de conseguir navegar mais rapidamente em meio a esta complexidade, sem constantemente necessitar tomar decisões que requerem tempo e esforço, dividimos nosso ambiente em categorias discretas, distinguindo o mundo entre “nós” e “eles”, como no caso da polarização política afetiva. Isso diminui a carga cognitiva necessária para conviver em sociedade, porém, tem consequências importantes para como os indivíduos tratam os que pertencem à sua própria categoria e os que não pertencem (Fiske & Taylor, 2017).

Não é à toa que estudos clássicos de economia comportamental (ver Kahneman & Tversky, 1973) sugerem existir duas formas de processamento da informação. Uma rápida que conclui, de forma precipitada, porém às vezes adaptativa, sobre os fatos observados no mundo social e outra mais lenta e deliberada, que leva em conta evidências e intencionalidade, antes de chegar às conclusões. As duas maneiras de processar a informação mostram-se funcionais, ambas com potenciais e limitações. A primeira é mais econômica e pode ter sido muito útil em um mundo perigoso, cercado por predadores que poderiam colocar em risco a vida humana. Assim confundir um galho de árvore no chão com uma cobra e sair correndo, por exemplo, tem um valor adaptativo considerando que este erro de

tipo II, um falso positivo, poderia salvar a vida de um hominídeo que caminhava pela floresta no período paleolítico. O processamento automático da informação torna o pensamento sobre o mundo social mais rápido e eficiente (Fiske & Taylor, 2017).

Por outro lado, sua limitação fica evidente quando observamos a questão do preconceito, por exemplo. O preconceito é uma atitude pré-concebida, normalmente negativa, formada em antecipação sobre uma pessoa ou grupo com base em uma característica (American Psychological Association, 2022). Assim, com base na avaliação rápida e superficial de uma característica de uma pessoa, como a cor da pele ou seu sotaque, indivíduos inferem erroneamente sobre traços como moralidade, personalidade, atitudes e, até mesmo, posição hierárquica na sociedade, acarretando uma série de consequências nefastas que podemos observar ao longo da história. Vale ressaltar que o exemplo do posicionamento político, objeto desta dissertação, torna-se uma heurística, atalho cognitivo amparado em um processamento rápido da informação, para exogrupos desumanizarem-se explicitamente. Assim, alguém que se identifica com o candidato Bolsonaro, por exemplo, é rapidamente tido como “gado” por alguém que apoia um candidato mais à esquerda. O mesmo exemplo é válido para alguém que se identifica como de esquerda e é tido como “burro” por alguém que se considera mais à direita. A partir desta adjetivação rápida e sem qualquer deliberação, tais pessoas são colocadas sob rótulos que podem motivar a derrogação, sem considerar especificidades de cada indivíduo.

A segunda forma de processamento da informação é mais lenta, deliberada e ativa. Torna o pensamento sobre o mundo social flexível (Fiske & Taylor, 2017). Aqui a avaliação da intencionalidade é um ponto crucial no processamento cognitivo. Requer habilidades analíticas, esforço, lógica, reflexão e é orientada a um objetivo. Um processamento mais automático ou mais deliberado é influenciado por diferentes motivações (Fiske & Taylor, 2017): pertencimento ao grupo, compreensão, controle, autoaprimoramento e confiança no

endogrupo. As pessoas usam de forma flexível as duas formas de processamento cognitivo (Fiske, 2019) que fazem parte de um continuum onde há, em uma ponta, processos completamente automáticos e livres do controle consciente até processos completamente intencionais e controlados (Fiske, 2019).

Por ampararem-se em processos que envolvem a dinâmica grupal “nós vs. eles”, que conta com um processamento da informação mais automático que deliberado, antecedentes à derrogação entre grupos, esperamos que a polarização política afetiva e a desumanização explícita estejam positivamente correlacionadas.

Desumanização

Antropólogos há muito tempo reconhecem que membros de grupos humanos consideram-se seres humanos típicos (Lévi-Strauss, 1952) e diminuem membros de outros grupos a níveis subhumanos de categorização. A desumanização é, portanto, um viés de categorização de grupo com caráter deslegitimizante (Bar-Tal, 2000), que serve para justificar agressões, tratamento desumano e violência (Bandura et al., 1975) bem como explicar a superioridade de um grupo frente a outro.

Apesar da desumanização representar muito mais do que uma mera identificação de grupo ou categorização social, tais processos são precursores cruciais desse fenômeno. Sem a categorização de “nós vs. eles” e um sentimento de identificação com “o nosso grupo”, a desumanização teria pouco valor para as relações intergrupais (Hodson et al., 2014).

Para melhor compreender o que é desumanização, é importante saber exatamente o que está sendo negado ao outro - a humanidade. O que nos torna, então, seres humanos? Características unicamente humanas (UH) definem os limites que nos separam de animais de outras espécies. Já a natureza humana (HN) refere-se a características típicas de um ser humano (Haslam, 2006). A humanidade perpassa, portanto, duas dimensões distintas e

formas diferentes de desumanização ocorrem quando as características que constituem cada dimensão são negadas às pessoas de um grupo (Haslam, 2006; Haslam & Loughnan, 2014; Haslam et al., 2007). Uma série de estudos (ver Haslam, 2006; Haslam & Loughnan, 2014; Haslam & Stratemeyer, 2016) corrobora um modelo de humanidade composto pelas dimensões de UH e HN.

Características unicamente humanas (UH) remetem à noção de um ser humano iluminista enfatizando a racionalidade e a civilidade como características exclusivas do ser humano (Haslam, 2006). Estas seriam: civilidade, refinamento, sensibilidade moral, racionalidade/lógica e maturidade. Quando tais características são negadas a alguém ou a um grupo, estes são percebidos como sem cultura, sem refinamento, brutos, sem autocontrole, burros, infantis, imaturos, atrasados, imorais e amorais (Haslam, 2006). Se tais pessoas são implícita ou explicitamente consideradas desprovidas dessas qualidades ocorre a desumanização animalística (AD).

Características da natureza humana (HN) constituem uma noção romântica de humanidade enfatizando as emoções e a amorosidade como a natureza fundamental da pessoa humana (Haslam, 2006). Estas seriam: responsividade emocional, calor humano, abertura cognitiva, individualidade, profundidade. Quando tais características são negadas a alguém ou a um grupo, estes são percebidos como inertes, frios, rígidos, passivos e superficiais (Haslam, 2006). Se tais pessoas são implícita ou explicitamente consideradas desprovidas dessas qualidades ocorre a desumanização mecanicista (MD).

Crenças a respeito de um exogrupo são capazes de afetar como nos sentimos e nos comportamos em relação a eles. Entre essas crenças estão os metaestereótipos. Eles são compreendidos como as crenças que um grupo possui sobre como o outro grupo o percebe (Fiske & Taylor, 2017), ou seja, é pensar sobre o que o outro pensa a respeito de “meu grupo”. A crença de que um exogrupo enxerga nosso endogrupo como “ratos”, “imorais”,

“burros”, “lixo”, “baratas”, ou seja, com características desumanas, é a metadesumanização (Kteily et al., 2015; Kteily et al., 2016; Vorauer et al., 1998; Vorauer et al., 2000). A metadesumanização é, portanto, um viés cognitivo de categorização de grupo (Kteily et al., 2015; Kteily et al., 2016) dinâmico e interativo capaz de fomentar o desengajamento moral, a agressão, a violência (Cassese, 2021; Bandura et al., 1975) e até mesmo interferir em processos cognitivos como a percepção visual, a atenção, além de aumentar o apoio a medidas violentas para “combater” o exogrupo. (Goff et al., 2008). Indivíduos parecem retribuir avaliações negativas que acreditam receber de outras pessoas e tornam-se mais dispostos a apoiar comportamentos hostis em relação àqueles que os avaliam negativamente (Bourhis et al., 1979; Devine et al., 1996; Kamans, et al., 2009).

A desumanização pode ocorrer de forma explícita ou implícita (Kteily et al., 2016; Haslam & Loughnan, 2014). A desumanização explícita é a negação da humanidade do outro de forma deliberada e ativa (Kteily et al., 2015), por meio do uso de adjetivos como os previamente citados. Os casos mais explícitos de desumanização ocorrem quando pessoas relacionam indivíduos ou grupos a não-humanos por meio da linguagem (Haslam & Loughnan, 2014). Experimentos demonstraram que metáforas com animais tipicamente significam degradação (comparação com macacos e cachorros) (Kteily et al., 2016; Bastian et al., 2011), ou nojo (comparação com ratos e porcos) (Bastian et al., 2011). A desumanização explícita também foi revelada em estudos que utilizam escalas de autorrelato sobre a percepção de pessoas que cometeram crimes (Bandura et al., 1996), com frases como “Algumas pessoas merecem ser tratadas como animais”; inimigos (Jackson & Gaertner, 2010) com frases como “Terroristas são vermes que precisam ser exterminados”; e minorias étnico-raciais (Castano & Giner-Sorolla, 2006) com frases como “Aborígenes eram criaturas selvagens antes da chegada de homens brancos”.

Estudos mais recentes (Kteily et al., 2015; Bruneau et al., 2018) operacionalizaram a desumanização explícita por meio da descrição gráfica “A evolução do homem”, utilizada nesse estudo (ver anexo I), com cinco silhuetas retratando a evolução cultural e fisiológica do ser humano, desde os seus ancestrais descendentes diretos dos símios modernos, passando pelos primeiros humanos caminhando em posição mais ereta, até os seres humanos atuais (Kteily et al., 2015; Bruneau et al., 2018). Os participantes dos estudos de validação desta escala eram solicitados a indicar sua percepção de evolução de diversos grupos humanos em slides contínuos com medidas que pareciam o numeral “0” à figura do homínido menos evoluído até o numeral “100”, pareado à silhueta do ser humano atual. (Kteily et al., 2015; Bruneau et al., 2018). Esta medida de desumanização explícita é breve, intuitiva e representa a negação da humanidade aberta e direta requerida para a desumanização explícita (Haslam & Loughnan, 2014). As imagens presentes na escala capturam a noção de hierarquia de uma espécie sobre a outra, aspecto igualmente essencial para a desumanização (Haslam & Loughnan, 2014).

Já a desumanização implícita pode acontecer de forma sutil, sem que o indivíduo perceba, especialmente por meio de associações implícitas que as pessoas têm sobre grupos distintos (Haslam & Loughnan, 2014; Leyens et al., 2000). Diversos estudos utilizaram tarefas de associação Go/no-Go (GNAT) ou testes de associação implícita (IAT) para demonstrar percepções implícitas. A desumanização explícita é uma preditora mais forte que a desumanização implícita para atitudes extremas nas relações entre grupos (Kteily et al., 2015), como o apoio a ataques com drones, o apoio a tortura e o apoio à militarização de sistemas políticos (Kteily et al., 2015).

Considerando os comportamentos e crenças decorrentes da desumanização explícita entre grupos, é natural que haja uma expectativa que a habilidade de cooperar e de sentir empatia por exogrupos seja comprometida. Em estudos anteriores (Andrighetto et al., 2014),

a desumanização mediou o comportamento de ajudar e de proteger outros, bem como de proteger-se. Os participantes demonstraram menos intenção em ajudar vítimas de um terremoto no Haiti e no Japão na medida em que desumanizavam estas vítimas. Haitianos sofreram maior desumanização animalística e japoneses sofreram maior desumanização mecanicista. Outro estudo com a desumanização de pacientes psiquiátricos demonstrou que percebê-los em sua humanidade plena foi correlacionado a buscar ajuda para o seu próprio sofrimento mental, bem como ao aumento da compaixão com os moradores de uma clínica psiquiátrica (Martinez, 2014).

A desumanização é, portanto, um viés de categorização de grupo que legitima a derrogação de exogrupos. Ela pode ocorrer de forma implícita ou explícita e pressupõe que existe uma hierarquia do endogrupo frente ao exogrupo. Estudos vem mostrando que pessoas que se identificam como de esquerda apresentam maiores níveis de radicalismo político (ver Gloria filho & Modesto, 2019; ver Couto & Modesto, 2020). Desta forma, esperamos que a pessoas que se identificam como de esquerda explicitamente desumanizem mais seu exogrupo político que pessoas com outras identificações políticas. Processos de identificação grupal podem comprometer as habilidades humanas de ter empatia com outros grupos (Riess, 2017). Daí observa-se a relevância de abordar a empatia como uma variável componente do modelo proposto.

Empatia

Existem tantas definições de empatia quanto autores na área (Cuff et al., 2016). A decisão de utilizar o conceito de empatia mencionado a seguir deve-se à sua visão multidimensional do construto, resultado de uma revisão extensiva de outros conceitos, bem como devido à existência de instrumentos validados e com confiabilidade adequada para medi-lo no contexto brasileiro. A empatia possui elementos cognitivos e emocionais e pode

ser definida como um conjunto de construtos multidimensionais que conecta as respostas de um indivíduo às experiências de outro (Davis, 2006).

Ela exerce um papel fundamental nas relações interpessoais e sociais, permitindo o compartilhamento de experiências, desejos, necessidades entre indivíduos e grupos, além de proporcionar laços emocionais que promovem o comportamento pró-social (Riess, 2017). Por meio desta experiência o indivíduo tem a capacidade de obter consciência dos pensamentos e sentimentos de outras pessoas enquanto experimenta afetos mais condizentes com a situação alheia do que com a sua própria (Sampaio et al., 2011). Ela é composta de quatro dimensões. As duas primeiras são de natureza afetiva: angústia pessoal e consideração empática; as duas últimas de natureza cognitiva: tomada de perspectiva e fantasia (Sampaio et al., 2011).

A primeira é a angústia pessoal e relaciona-se às sensações de incômodo ou ansiedade subjetivos produzidas no *self* quando a pessoa presencia situações de emergência ou de tensão, sendo, portanto, autodirigida e egoística. A segunda é a consideração empática e aborda a motivação para ajudar pessoas por quem sentimos afetos empáticos, assim sendo direcionada ao outro. A terceira, já de caráter cognitivo, é a tomada de perspectiva e designa a capacidade humana de colocar-se no lugar do outro, vendo situações como o outro e imaginando o que os outros pensam ou sentem. A quarta é a fantasia e dispõe sobre habilidade de transpor-se, por meio da imaginação, colocando-se no lugar de personagens de obras de ficção. (Davis, 1983).

Falar com outros indivíduos com base nas perspectivas que eles tomam, ao invés de argumentar sobre o que é importante para si próprio parece propiciar um diálogo mais harmonioso (Rogers, 1959). Os trabalhos sobre metaestereótipos, como grupos acreditam ser percebidos por outros grupos (Kteily & Bruneau, 2017), relacionam-se a estudos que demonstram a importância da tomada de perspectiva, um dos componentes da empatia (Davis, 1983; Sampaio et al., 2011), para o aprimoramento da qualidade das relações entre

diferentes sujeitos (Zaki & Cikara, 2015). Quando as pessoas pertencentes a determinado grupo têm a mínima noção de como membros do outro grupo avaliam o mundo social e, particularmente, demais grupos, ocorre a possibilidade de ajustar comportamentos e evitar desentendimentos (Galinsky et al., 2005; Galinsky & Moskowitz, 2000). Sob as circunstâncias apropriadas, somos capazes de agir em prol de outros, humanos e não humanos, com o único objetivo de vê-los bem e felizes, sem qualquer interesse pessoal, desde que não haja antipatia preestabelecida (Batson & Powell, 2003). No entanto, não é sempre assim que o mundo real funciona.

Apesar de ocupar o papel importante para o funcionamento social harmonioso, a empatia normalmente desaparece quando um conflito entre grupos toma lugar (Zaki & Cikara, 2015). A identificação social com grupos e o compartilhamento de emoções com estes, não apenas motivam e modelam, mas também enviesam e atrapalham encontros empáticos entre grupos distintos. Dados neurofisiológicos sugerem que as filiações grupais e étnicas enviesam os componentes afetivos e cognitivos da empatia (Eres & Molenberghs, 2013) sendo que respostas sensoriais vicárias e empáticas têm mais chances de serem eliciadas em membros de um endogrupo que de um exogrupo (Cikara et al., 2011). De forma análoga os mecanismos neurofisiológicos da empatia, como a ativação neural em simulação mental, são reduzidos por uma atitude negativa contra um exogrupo, favoritismo pelo endogrupo e por identidade sociocultural (Decety, 2005). Sendo assim, manifestações empáticas são fortemente influenciadas pelo contexto, o que a caracteriza como um fenômeno motivado que ocorre com base em fatores pessoais e situacionais (Zaki, 2014). Normalmente as pessoas falham em empatizar com membros de exogrupos e, muitas vezes, até gostam de vê-los sofrer, o que vem a ser chamado de *Schadenfreude* (Cikara et al., 2011).

Tanto a desumanização como a empatia são fenômenos sociais significativamente dependes dos processos de grupo que os contextualizam. A falta de empatia e a

desumanização de exogrupos, estão presentes no conflito violento (Cikara et al., 2011) e vem ocorrendo em processos de polarização política afetiva em diferentes países (Martherus et al., 2019; Paccilli et al., 2016; Morris, 2020; Hasson et al., 2018). A polarização política afetiva demonstra potencial para abalar a própria democracia (McCoy et al., 2018) e por isso deve ser mais bem compreendida como um fenômeno relacional, sobretudo no contexto brasileiro onde ela pode ser bastante observada nas diferentes mídias. O distanciamento afetivo e a derrogação entre grupos podem tornar-se tão acirrados, que as habilidades empáticas, afetivas e cognitivas, naturais dos seres humanos podem ser comprometidas. Nesse sentido temos a expectativa que a empatia e a polarização política afetiva estarão negativamente correlacionadas, uma vez que são fenômenos decorrentes de processos psicológicos opostos: a primeira de identificação e a segunda de derrogação.

Ideologia Política

A ideologia política é uma poderosa força motivacional que pode, em certas circunstâncias, comprometer até mesmo o instinto de autopreservação (Jost & Amodio, 2012), quando, por exemplo, guerras são travadas não para o ganho pessoal, mas sim por lealdade, devoção ao líder, país ou causa (Dember, 1991; Jost & Amodio, 2012). Em um contexto democrático variado, onde partidos e candidatos competem por apoiadores, a ideologia acaba tornando-se uma heurística que auxilia eleitores leigos e, sobretudo, os mais esclarecidos e com mais educação formal (Johnston et al., 2017), a navegarem em um complexo mundo político (Feldman, 2013).

Escolher um candidato ou partido que declara ter uma ideologia igual ou próxima da que você sustenta reduz a carga cognitiva pesada e necessária para responder a pergunta “Em quem devo votar?” para uma questão de mera comparação entre grupos distintos (Feldman, 2013). A ideologia é considerada uma coerência de atitudes, ou seja, uma coerência de pontos

de vista a respeito de um determinado tópico social e econômico (Feldman, 2013; Converse, 2006).

Discussões primordiais sobre o conceito de ideologia sugerem que esta pode ser colocada em um continuum que vai da esquerda para a direita (Bobbio, 1996), no qual ideias como o socialismo, igualdade e justiça social estariam mais posicionadas à esquerda, enquanto ideias como o autoritarismo estariam mais posicionadas à direita. Uma questão importante na compreensão das ideologias políticas é se a ideia de um continuum esquerda-direita é suficiente para compreender um sistema de crenças tão complexo. No entanto a observação de regimes políticos em diferentes países parece denotar que esta é uma questão que não cabe em apenas dois pontos de um mesmo espectro. Observamos na China, por exemplo, um sistema de mercado livre (típico de regimes mais liberais) com um sistema político autoritário. No Brasil, há atualmente, um peculiar casamento entre ideias socialmente conservadoras (adoção de preceitos religiosos como guias de políticas públicas, por exemplo) com ideais econômicos tidos como liberais (desburocratização, privatizações, abertura da economia), configurando uma realidade bastante particular deste país. Nos Estados Unidos, por outro lado, há classicamente uma associação entre o conservadorismo econômico (valorizar produtos domésticos ao invés de importados, por exemplo), com o conservadorismo social (ser contra o aborto ou a adoção por casais homossexuais) (Jost, 2017), o que, naquele contexto, é interpretado como populismo.

Estudos sugerem que pessoas com uma identificação mais à esquerda teriam maiores níveis de empatia do que aqueles identificados à direita (Schieman et al., 2019; Hasson et al., 2018). De forma semelhante pessoas que se identificam com a esquerda apresentam maiores níveis dos fundamentos morais de cuidado e justiça (Graham et al., 2009; Gloria Filho & Modesto, 2019), que estão positivamente correlacionados à empatia (Strupp-Levitsky et al., 2020; Moreira et al., 2018), o que leva à expectativa que participantes que se autodeclararam

como de esquerda, ou eleitores de Haddad no segundo turno das eleições de 2018, apresentarão maiores níveis de empatia quando comparados a pessoas de direita ou eleitoras de Bolsonaro no segundo turno das eleições de 2018. Como previamente mencionado, o conceito de ideologia não parece caber apenas em um contínuo polarizado entre esquerda e direita, apesar de ser assim amplamente tratado. Ele é mais bem representado por uma noção de diferentes quadrantes que consideram que nem sempre ideias socialmente conservadoras ou liberais conversam diretamente com ideias economicamente conservadoras ou liberais. Além disso tais atitudes políticas são capazes de predizer, em significativa medida, os níveis de empatia e valores em diferentes grupos da sociedade civil.

Método

Participantes

Dos 302 participantes que completaram a pesquisa, 268 foram utilizados para a amostra deste estudo. Os 34 participantes eliminados da amostra falharam na resposta a pelo menos um dos três itens de checagem de atenção ou não votaram no 2º turno das eleições presidenciais de 2018, fator relevante para o cálculo da variável de polarização afetiva. Apesar destes critérios de exclusão, foram considerados o aceite do consentimento livre e esclarecido e a maioria como critérios de inclusão na pesquisa. A amostragem utilizada foi por conveniência e não-probabilística.

Uma análise de poder a priori foi realizada por meio do software G*Power (Faul et al., 2007) para o teste de ANOVAs e interações. Estimou-se que a amostra necessária para análise deveria ser de, no mínimo, 211 participantes com base num poder de 0,8, nível de significância de 0,05 e tamanho de efeito de 0,25. A amostra utilizada neste estudo, mesmo após a exclusão de participantes, supera o tamanho mínimo, possibilitando a testagem das hipóteses.

Os participantes analisados tinham, em média, 40 anos ($SD = 14,14$), com o mais novo tendo 18 anos e o mais velho 80 anos. Além disso, eram: 93 mulheres (34,70%), 171 homens (63,81%) e 4 pessoas não se identificaram com nenhuma das duas opções de gênero disponíveis (1,49%). Em relação ao estado civil houve, 122 solteiros/as (45,52%), 101 casados/as (37,69%), 26 em união estável (9,70%), 16 divorciado/as (5,97%) e 3 encontravam-se em outros estados civis (1,12%). Sobre a escolaridade, 47 tinham Ensino Médio (17,54%), 115 tinham Ensino Superior (42,91%) e 106 tinham Pós-Graduação (39,55%). Em relação à renda familiar, 72 possuíam entre 1 e 3 salários-mínimos (26,87%), 84 possuíam entre 3 e 6 salários-mínimos (31,34%), 56 possuíam entre 6 e 9 salários-mínimos (20,90%) e 56 possuíam 10 ou mais salários-mínimos (20,90%). E, por fim, quanto a identificação política, 127 identificaram-se como de esquerda (47,38%), 97 identificaram-se como de centro (36,19%) e 44 identificaram-se como de direita (16,42%).

Instrumentos

Esta pesquisa teve como variáveis a desumanização explícita, a empatia, a polarização política afetiva e a ideologia política. Todas foram mensuradas com *sliders* que variavam com o mínimo de 0 e o máximo 100, portanto para computo dos escores utilizou-se a média dos itens para instrumentos com múltiplos itens e o valor marcado para instrumentos de item único.

Escala de Desumanização Explícita: Para mensurar a desumanização foi utilizada a Escala de Desumanização Explícita (Kteily et al., 2015), a qual demanda ao participante indicar sua percepção de evolução de um grupo de indivíduos com base numa escala gráfica com silhuetas que representam a “ascensão do ser humano” (ver anexo V). Essa escala vem apresentando sucessivas evidências psicométricas de validade, estabelecendo uma relação clara e significativa entre desumanização explícita e hierarquia entre grupos, bem como, predizendo atitudes e comportamentos negativos em relação a grupos marginalizados como

imigrantes mexicanos e árabes.

Também foram realizadas correlações entre medidas de infrahumanização - atribuição de emoções secundárias a diferentes grupos - e desumanização explícita (ver Kteily et al., 2015). Utilizando a mesma escala, Cassese (2021) corroborou a hipótese que democratas e republicanos enxergam seu endogrupo como mais humano que seu exogrupo político, desumanizando se explicitamente. Outro estudo, utilizando métodos de correlação reversa para discreta e indiretamente para capturar as representações mentais que indivíduos possuem de grupos, foi demonstrado que americanos possuem representações explicitamente desumanizadoras de árabes (Kteily & Landry, 2022). Recentemente a mesma escala foi utilizada para demonstrar desumanização explícita tanto em adultos quando em crianças (Zhou & Hare, 2022). Atitudes desumanizadoras estiveram associadas, em ambos os grupos, à crença na inferioridade do exogrupo e também à disposição em punir transgressores pertencentes a exogrupos.

Para mensurar a empatia foi utilizado o *Interpersonal Reactivity Index (IRI)*, adaptado para o Brasil por Sampaio et al. (2011). O IRI é composto por 26 itens (ver anexo IV) que avaliam aspectos cognitivos e afetivos da empatia por meio de quatro dimensões diferentes: de caráter afetivo a angústia pessoal (PD; 6 itens) e a consideração empática (EC; 7 itens); e de caráter cognitivo a tomada de perspectiva (PT; 6 itens) e a fantasia (FY; 7 itens). Além disso, um fator geral de empatia pode ser computado com base nos 26 itens. Os itens puderam ser respondidos por meio de um *slider* ancorado em “não me descreve bem” (0) e “descreve-me muito bem” (100). No estudo de validação, o instrumento apresentou alfa de Cronbach (α) adequado para o fator geral (0,85) e para as quatro dimensões (PD: 0,81; EC: 0,71; PT: 0,76; FY: 0,72). Nesta pesquisa o instrumento também apresentou índices de confiabilidade adequados, com valor semelhante ao original no fator geral ($\alpha = 0,86$; $\omega = 0,81$), e valores superiores nas quatro dimensões: angústia pessoal, $\alpha = 0,85$, $\omega = 0,85$;

consideração empática, $\alpha = 0,89$, $\omega = 0,87$; tomada de perspectiva, $\alpha = 0,80$, $\omega = 0,78$; e, fantasia, $\alpha = 0,68$, $\omega = 0,78$.

A polarização política afetiva foi mensurada por meio do **Termômetro de Sentimentos** aplicados aos quatro diferentes grupos: pessoas que votaram em Haddad, Bolsonaro, branco e nulo (ver anexo III). Esse instrumento utilizado pela *American National Election Services* (ANES) desde 1978 para medir os sentimentos dos eleitores com relação ao partido com o qual identificam-se e em relação ao partido com o qual não se identificam. Aqui o instrumento foi adaptado para ser utilizado com relação às pessoas que votaram no candidato oposto ao que o participante votou no 2º turno das eleições presidenciais de 2018. Dessa forma, quem indicou ter votado em Bolsonaro teve como escore o termômetro sobre Haddad, quem indicou ter votado em Haddad teve como escore o termômetro sobre Bolsonaro e quem indicou ter votado em branco ou nulo teve como escore a média dos termômetros sobre Bolsonaro e Haddad. O instrumento pôde ser respondido por meio de slider ancorado em “totalmente frio e distante” (0°), “indiferente” (50°) e “totalmente caloroso e receptivo” (100°).

Por fim, operacionalizamos a medida de ideologia política de três formas. A primeira delas foi por meio da **Escala Bidimensional de Ideologia Política** desenvolvida por Feldman (2013) e adaptada para o Brasil por Alves (2017) que afere, de maneira latente, como o/a participante encaixa-se dentro de diferentes quadrantes: populismo, liberalismo, conservador ou libertário. O instrumento é composto por 16 itens (ver anexo II), sendo 6 itens do fator social e 10 itens do fator econômico. Segundo Alves (2017), o posicionamento político do participante poderá ser inferido considerando o escore do indivíduo nos dois fatores, de forma que escores baixos em ambos os fatores indicam ideologias conservadoras; escores baixos no fator econômico e altos no fator social/moral indicam ideologias libertárias; escores altos no fator econômico e baixos no fator social/moral indicam

ideologias populistas; e escores baixos em ambos os fatores indicam ideologias liberais. O fator social apresentou índice de confiabilidade adequado na validação original ($\alpha = 0,78$), assim como nesta pesquisa ($\alpha = 0,81$; $\omega = 0,82$), em que foi ligeiramente superior. O fator econômico também apresentou índice de confiabilidade adequado na validação original ($\alpha = 0,89$) e nesta pesquisa ($\alpha = 0,87$; $\omega = 0,87$), sendo nesta ligeiramente inferior. A escala de resposta a este instrumento estava ancorada em “discordo totalmente” (0) e “concordo totalmente” (100).

A segunda forma pela qual operacionalizamos a ideologia política foi por meio de uma **Escala de Autoidentificação de Cinco Pontos**, classicamente utilizada em estudos na área de psicologia política. Ela pergunta ao participante “Como você se identifica politicamente?” e dá cinco opções de resposta: esquerda, centro-esquerda, centro, centro-direita e direita (ver anexo V). Por último perguntamos aos participantes sobre seu **Voto no Segundo Turno das Eleições de 2018**: Bolsonaro, Haddad, branco ou nulo (ver anexo V).

Procedimentos de Coleta e Análise dos Dados

Os instrumentos acima descritos foram compilados em um *survey* por meio do EFS, uma plataforma para criação de questionários e coleta de dados online. Neste constou a: 1) página de consentimento livre e esclarecido (ver anexo I), contendo uma descrição da pesquisa, de sua vinculação institucional e dos pesquisadores envolvidos, informações sobre riscos e tratamento dos dados e critérios de inclusão/exclusão da pesquisa; 2) o termômetro de Sentimentos e o IRI apresentados em ordem aleatória para os participantes; 3) a escala de desumanização explícita; 4) a escala de ideologia política; e 5) questionário sócio-demográfico, como voto no 2º turno das eleições presidenciais de 2018 e identificação política, gênero, idade, estado, renda familiar, escolaridade e estado civil. Os participantes levaram, em média, 15 minutos ($DP = 8,84$) para completar a pesquisa.

Para analisar os dados foram realizadas correlações bivariadas, análises de variância (ANOVAs) e regressão linear múltipla. Para as ANOVAs foi utilizada correção de Brown-Forsythe para análises que violaram o pressuposto de igualdade da variância e testes post-hoc de Bonferroni para explorar a diferença entre grupos.

Resultados

Antes da estimação do modelo de regressão, foi realizada uma análise das correlações bivariadas de Pearson considerando Desumanização Explícita – ED; Polarização Política Afetiva – APP; um fator geral de Empatia – EMP, além das quatro dimensões do IRI (angústia pessoal - PD, consideração empática - EC, tomada de perspectiva – PT e fantasia - FY); ideologia política social/moral – PISM; ideologia política econômica - PIEC e identificação política - PID. Tais correlações estão apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1
Correlações Bivariadas entre as Variáveis

Variáveis	<i>n</i>	<i>M</i>	<i>SD</i>	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1. ED	268	49,24	36,72	-								
2. APP	268	80,48	22,64	0,33***	-							
3. EMP: PD	268	48,70	20,62	0,04	-0,05	0,70***	-					
4. EMP: EC	268	77,49	15,81	0,07	0,05	0,73***	0,34***	-				
5. EMP: PT	268	78,96	14,24	-0,09	-0,11	0,54***	0,09	0,44***	-			
6. EMP: FY	268	57,23	17,85	-0,02	0,03	0,66***	0,30***	0,21***	0,11	-		
7. PISM	268	69,75	24,55	-0,04	-0,09	0,14*	0,03	0,06	0,09	0,19**	-	
8. PIEC	268	65,25	22,29	0,07	0,03	0,21***	0,12*	0,25***	0,11	0,08	0,58***	-
9. PID ^a	268	2,86	1,48	-0,15*	-0,09	0,19**	-0,12	-0,19**	-0,06	-0,13*	0,61***	0,73***

^a Escala de cinco pontos variando de 1 (Esquerda) a 5 (Direita).

ED = *Explicit Dehumanization*; APP = *Affective Political Polarization*; EMP = *Empathy*; EMP: PD = *Empathy – Personal Distress*; EMP: EC = *Empathy – Empathic Concern*; EMP: PT = *Empathy – Perspective Taking*; EMP: FY = *Empathy – Fantasy*; PISM = *Political Ideology Social/Moral*; PIEC = *Political Ideology Economy*; PID = *Political Identification*.

* $p < 0,05$. ** $p < 0,01$. *** $p < 0,001$.

Procedemos para a ANOVA para verificar diferenças entre os níveis de desumanização explícita para os participantes que se identificam como de esquerda ($n = 127$), de centro ($n = 97$) ou de direita ($n = 44$). O teste de Levene não indicou violação do pressuposto de homogeneidade das variâncias ($F(2, 265) = 1,18, p = 0,31$) e a ANOVA sugeriu a existência de diferenças significativas entre os grupos, $F(2, 265) = 5,47, p = 0,005$, contudo o tamanho de efeito encontrado foi pequeno ($\eta^2 = 0,04$).

O teste post-hoc de Bonferroni indicou que a única diferença em níveis de desumanização explícita ocorreu entre o grupo que se identificou como de centro ($M = 40,93$; $DP = 36,87$) e o grupo que se identificou como de esquerda ($M = 56,72$; $DP = 36,52$), $t = 3,24, p = 0,004$, com tamanho de efeito médio ($d = 0,44$). Não tendo sido identificado diferenças em níveis de desumanização explícita entre quem se identificou como de direita ($M = 45,98$; $DP = 33,19$) e de centro, $t = 0,77, p = 1,00, d = 0,14$, e entre quem se identificou como de direita e de esquerda, $t = 1,70, p = 0,27, d = 0,30$. Entretanto, o tamanho de efeito mediano entre os grupos de direita e esquerda e o fato deste grupo ter um tamanho muito inferior aos outros dois pode indicar que uma diferença significativa poderia ter sido identificada caso o grupo de direita fosse maior. Ainda assim, os resultados sugerem que os grupos polarizados desumanizam de forma similar, mas participantes de esquerda desumanizam consistentemente mais do que os participantes de direita, corroborando parcialmente nossa expectativa.

Em seguida foi estimado, portanto, o modelo de regressão múltipla por meio do método Padrão, considerando a polarização afetiva como variável critério e as outras variáveis identificadas na Tabela 1 como variáveis antecedentes. Tal modelo foi adequado, $F(8, 259) = 5,25, p < 0,001$, e explicou 11,9% da variância de polarização afetiva ($R^2 = 0,15$; R^2 Ajustado = 0,12). Contudo, apenas a desumanização explícita demonstrou-se como

variável relevante para explicar a polarização política, indicando que além de ser explicada em 12% pela desumanização explícita, essas estão positivamente correlacionadas o que corrobora a expectativa anterior, conforme pode ser observado na Tabela 2. De tal forma, tem-se que a desumanização explícita prediz a polarização afetiva, $b = 0,19$, 95% bca IC [0,12; 0,26], $\beta = 0,30$, $p < 0,001$, sendo a principal variável a explicá-la. Também foi identificado um efeito pequeno da ideologia política social/moral (PISM), $b = -0,15$, 95% bca IC [-0,29; -0,01], $\beta = -0,16$, $p = 0,03$, mas não da ideologia política econômica (PIEC), $b = 0,02$, 95% bca IC [-0,15; 0,18], $\beta = 0,01$, $p = 0,88$, sobre a polarização afetiva. Novamente, os intervalos de confiança para a relação considerando ideologia política social/moral são grandes e aproximam-se de zero.

Tabela 2

Regressão Múltipla das Variáveis de Interesse em Polarização Política Afetiva como Variável Critério Considerando Cada Fator da Empatia Individualmente

Variáveis	B^a	SE	β	t	p	95% CI
Intercepto	80,36	9,32		8,61	<0,001	[62,00; 98,72]
ED	0,19	0,04	0,30	5,90	<0,001	[0,12; 0,26]
EMP: PD	-0,12	0,07	-0,11	-1,69	0,09	[-0,23; -0,01]
EMP: EC	0,11	0,10	0,07	1,10	0,27	[-0,08; 0,31]
EMP: PT	-0,17	0,10	-0,11	-1,69	0,10	[-0,33; -0,004]
EMP: FY	0,09	0,08	0,07	1,16	0,24	[-0,64; 0,24]
PISM	-0,15	0,07	-0,16	-2,17	0,03	[-0,29; -0,01]
PIEC	0,02	0,08	0,01	0,15	0,88	[-0,15; 0,18]
PID	2,57	2,28	0,10	1,12	0,26	[-1,92; 7,06]
R ²				0,14		
R ² Ajustado				0,11		

^a Baseados em bootstrap com correlação de viés e 5000 reamostragens.

ED = *Explicit Dehumanization*; EMP: PD = *Empathy – Personal Distress*; EMP: EC = *Empathy – Empathic Concern*; EMP: PT = *Empathy – Perspective Taking*; EMP: FY = *Empathy – Fantasy*; PISM = *Political Ideology Social/Moral*; PIEC = *Political Ideology Economy*; PID = *Political Identification*.

Foi identificado que dentre os fatores de empatia apenas angústia pessoal (PD), $b = -0,12$, 95% bca IC [-0,23; -0,01], $\beta = -0,11$, $p = 0,09$, e tomada de perspectiva (PT), $b = -0,17$,

95% bca IC [-0,33; -0,004], $\beta = -0,11$, $p = 0,10$, predizem negativamente a polarização afetiva, o que corrobora parcialmente a hipótese 3. Destaca-se que apesar de tal resultado corroborar as hipóteses 2 e 3, os intervalos de confiança de ambas as variáveis se aproximam de zero.

Realizamos o teste das ANOVAs para a testagem da hipótese 4. O fator geral de empatia e também para os quatro fatores de empatia considerando os participantes que votaram em Haddad ($n = 119$), Bolsonaro ($n = 112$) e em branco ou nulo ($n = 37$). O teste de Levene não indicou violação do pressuposto de homogeneidade das variâncias para nenhum dos fatores, portanto não foi necessário utilizar a correção de Brown-Forsythe. Considerando o fator geral de empatia, a ANOVA sugeriu diferenças significativas entre os grupos, $F(2, 265) = 6,18$, $p < 0,01$, com tamanho de efeito médio ($\eta^2 = 0,05$). Segundo o post-hoc de Bonferroni, o grupo que votou em Haddad ($M = 68,34$; $DP = 10,34$) apresentou maior empatia do que o grupo que votou em Bolsonaro ($M = 63,22$; $DP = 12,17$), $t = 3,49$, $p < 0,01$, o que corrobora a hipótese 4. Contudo não foram identificadas diferenças significativas entre quem votou em Bolsonaro e quem votou em branco ou nulo ($M = 64,92$; $DP = 10,49$), $t = 0,81$, $p = 1,00$, e entre quem votou em Haddad e quem votou em branco ou nulo, $t = 1,63$, $p = 0,32$.

Já considerando os fatores de empatia, não foram identificadas diferenças significativas entre os grupos para o fator tomada de perspectiva, $F(2, 265) = 0,56$, $p = 0,57$. Enquanto foram identificadas diferenças significativas para os fatores: angústia pessoal, $F(2, 265) = 5,00$, $p < 0,01$, com tamanho de efeito médio ($\eta^2 = 0,04$); consideração empática, $F(2, 265) = 3,61$, $p < 0,05$, com tamanho de efeito médio ($\eta^2 = 0,03$); e, fantasia, $F(2, 265) = 8,71$, $p < 0,001$, com tamanho de efeito médio ($\eta^2 = 0,06$).

Para o fator de angústia pessoal a única diferença tendo sido entre quem votou em Haddad ($M = 52,77$; $DP = 19,86$) e quem votou em branco ou nulo ($M = 42,02$; $DP = 19,71$),

segundo o teste post-hoc de Bonferroni, $t = 2,81, p < 0,05$. Já para o fator consideração empática esta diferença foi apenas entre quem votou em Haddad ($M = 80,30; DP = 14,54$) e Bolsonaro ($M = 74,81; DP = 17,23$), segundo os testes post-hoc, $t = 2,66, p < 0,05$. Por fim, para o fator fantasia foram observadas duas diferenças significativas, de forma que: aqueles que votaram em Haddad ($M = 60,31; DP = 17,15$) tiveram médias maiores em fantasia do que aqueles que votaram em Bolsonaro ($M = 52,10; DP = 18,50$), $t = 3,59, p < 0,001$; e, aqueles que votaram em branco ou nulo ($M = 62,86; DP = 14,09$) tiveram médias maiores em fantasia do que aqueles que votaram em Bolsonaro, $t = 3,27, p < 0,01$. A hipótese 4, é portanto, confirmada se olharmos a empatia como um fator geral para os grupos indicados. Por outro lado, se olharmos cada uma das dimensões separadamente apenas algumas destas apresentam diferenças significativas

Discussão

O presente trabalho tem como objetivo geral testar um modelo preditivo para a polarização política afetiva, tendo como variáveis predictoras a desumanização explícita, a empatia, a ideologia social/moral, a ideologia econômica e o posicionamento político. Os objetivos específicos são (1) medir a desumanização explícita do exogrupo nos grupos autoidentificados como de esquerda, de direita ou centro; (2) testar a relação entre polarização política afetiva e desumanização; (3) testar a relação entre polarização política afetiva e empatia; (4) medir a empatia de pessoas que se identificam como de esquerda, direita ou centro.

Apresentamos também ao longo do texto algumas predições que serão retomadas a seguir: (H1) pessoas que se identificam como de esquerda desumanizam mais seu exogrupo político que pessoas que se identificam como de direita; (H2) a polarização política afetiva e a desumanização explícita são positivamente correlacionadas; (H3) a empatia e a polarização

política afetiva são negativamente correlacionadas e (H4) participantes de esquerda apresentam maiores níveis de empatia quando comparados a participantes de direita.

Há diferença relevante nos níveis de desumanização explícita em cada grupo testado, porém, com tamanho de efeito pequeno. A principal diferença em níveis de desumanização explícita ocorreu no grupo que se identificou como de esquerda (n=127), sendo que este desumanizou mais consistentemente que os demais grupos. Uma diferença significativa poderia ter sido encontrada no grupo que se identificou como direita, caso este tivesse sido maior (n=44). Ainda assim o resultado encontrado segue a mesma tendência que outros construtos estudados, como radicalismo político, polarização afetiva (ver Gloria Filho & Modesto, 2019; Gloria Filho & Modesto, no prelo), de ser mais elevado em pessoas que se identificam como de esquerda. Por outro lado, devido o desequilíbrio amostral entre os diferentes grupos coletados nessa amostra, não é possível afirmar categoricamente que a esquerda desumaniza mais. É mais preciso afirmar que grupos polarizados parecem desumanizar de forma similar, sendo que os de esquerda parecem desumanizar consistentemente mais que os demais, considerando as limitações amostrais desse estudo. A hipótese 1, portanto, não pode ser corroborada.

A angústia pessoal e a tomada de perspectiva predizem negativamente a polarização política afetiva, corroborando parcialmente a hipótese 3, uma vez que os demais construtos da empatia (consideração empática e fantasia) não apresentaram qualquer correlação com a polarização política afetiva. A polarização política afetiva e a empatia não estão negativamente correlacionadas como antes havia sido suposto. De fato, não há qualquer relação entre estes dois construtos, de acordo com os resultados aqui apresentados. A polarização política afetiva é um processo grupal que ocorre mediante uma dinâmica social fomentada pelo pensamento “nós vs. eles”. Trata-se então de um viés de categorização de grupo que, e, tal qual a desumanização, preconiza o conflito violento entre duas partes ou

mais. Por outro lado, a empatia é um processo que, apesar de ter características de traço, ou seja, é estável ao indivíduo independente de diferentes contextos, pode ser amplamente influenciado pelo contexto social e pelo objeto ao qual a empatia é direcionada. A inexistência de uma correlação entre esses dois construtos pode dever-se ao fato de um ser compreendido como traço – empatia – e o outro como estado – polarização política afetiva, discussão ampla e clássica em psicologia.

Isso demonstra que traços disposicionais não necessariamente predizem estados, ou seja, o fato de você ser super empático não indica uma tendência a ser mais tolerante com ideologias políticas que divergem da sua, isso pode, na verdade, fomentar o processo de polarização política afetiva uma vez que sua empatia estará mais direcionada a membros do seu grupo não à sociedade como um todo. Este ponto contradiz a visão do senso comum de que “precisamos de mais empatia hoje em dia” ou “falta empatia no meio político”, ideia proposta até pelo ex-presidente americano Barack Obama, que existiria um déficit de empatia na sociedade e isso seria uma das causas da polarização política, o que não parece ressoar com os dados aqui apresentados e nem de outros pesquisadores (ver Schumann et al., 2014). De fato, de acordo com os dados aqui apresentados a empatia, tal qual concebida por Davis e Sampaio, não faz diferença no processo de polarização afetiva e pode, ao contrário do esperado, fomentá-lo ainda mais (Simas et al., 2020) já que é motivada normalmente em direção ao endogrupo.

Considerando todos os fatores da empatia individualmente, não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos testados para o fator tomada de perspectiva, uma das dimensões cognitivas da empatia. No entanto todos os outros fatores, angústia pessoal, fantasia e consideração empática, demonstraram diferenças significativas nos 3 grupos medidos. No escore geral a empatia é mais alta em pessoas que se identificaram como eleitoras de Haddad no segundo turno das eleições de 2018, o que corrobora a hipótese 4.

Este achado é consistente com a literatura internacional sobre empatia e posicionamentos políticos. Pessoas que se apresentaram como de esquerda tiveram maiores níveis de empatia tanto na amostra utilizada nesse estudo como em diversos outros estudos (Hirsch et al., 2010; Hasson et al., 2018). Não é apenas em empatia que pessoas tidas como liberais, ou de esquerda, apresentam maiores níveis. A abertura a experiência (Klein et al., 2019), menor sensibilidade ao nojo (Inbar et al., 2009), maior tolerância a incerteza (Van Baar et al., 2021) e menor sensibilidade a ameaça (Crawford, 2017). A empatia em pessoas de identificação de esquerda também se relaciona aos fundamentos morais de justiça e cuidado (Graham et al., 2009), que buscam conexão e proteção das minorias e dos direitos individuais, o que é consonante com as propostas de ideologias progressistas. No entanto, a empatia parece ser restrita à grupos com os quais existe uma identificação prévia (Hudson et al., 2019), conforme discutido anteriormente.

O modelo de regressão proposto foi capaz de explicar 11,9% da variância da polarização política afetiva, sendo a principal variável preditora a desumanização explícita. Há, portanto, uma correlação positiva forte e significativa entre a desumanização explícita e a polarização política afetiva o que corrobora a hipótese 2. Também identificou-se um pequeno poder explicativo da ideologia social/moral na polarização política afetiva, diferente da ideologia econômica que pareceu não contribuir com qualquer porcentagem explicativa.

O fato de um grupo social sentir-se socialmente frio e distante de outro é uma importante pista que pode estar ocorrendo um processo de desumanização em decorrência de diferenças políticas na sociedade brasileira. Em processos de desumanização é esperado que ocorra um desengajamento moral entre os grupos que se desumanizam, ou seja, os mais desumanizados tendem a ser vistos como menos detentores de direitos e legitimamente merecedores de tratamento desumano.

Em um sistema democrático onde, a igualdade entre os diferentes grupos sociais é um de seus pilares, esta constatação empírica sugere que atualmente há espaço na sociedade para considerar menos humanos grupos com os quais discordamos politicamente. O processo de desumanização é forte precursor de conflito violento entre grupos e, como o legado histórico mostra, de legitimação de processos discriminatórios, sejam eles de quaisquer naturezas, implicam em consequências sociais sérias que, normalmente, levam à marginalização. Entretanto, o tamanho de efeito mediano entre os grupos de esquerda e de direita e o fato do grupo de direita ter um tamanho amostral inferior aos outros dois na presente pesquisa pode indicar que uma diferença significativa poderia ter sido identificada caso o grupo de direita fosse maior. Ainda assim, os resultados sugerem que os grupos polarizados desumanizam de forma similar, mas participantes de esquerda desumanizam consistentemente mais do que os participantes de direita. O achado que grupos considerados de esquerda desumanizam consistentemente mais que grupos tidos como de direita são semelhantes a achados anteriores de que grupos de esquerda também tendem a maior ativismo e radicalismo político (Gloria Filho & Modesto, 2019).

É importante considerar que essa questão pode não ser apenas relativa ao perfil ideológico. A ideologia política parece ter mais importância e coerência com votos para pessoas com maior nível educacional em amostras estadunidenses (Johnston et al., 2017). É possível que desumanizar não esteja diretamente relacionado à ideologias e posicionamentos políticos, mas sim, ao quanto grupos são capazes de compreender, sustentar e considerar relevantes suas ideias, o que poderia ser uma questão educacional e não apenas de um posicionamento ou pertencimento a um grupo. Outra pesquisa já realizada em contexto brasileiro (ver Gloria Filho & Modesto, no prelo) sugere que polarização política afetiva é mais alta em relação à esquerda, ou seja, quem é de direita sente-se mais distante afetivamente de quem é de esquerda do que o contrário. Ou seja, se considerarmos o achado

de trabalhos anteriores que afirmam que a esquerda é maior alvo de polarização política afetiva, e os presentes achados que a esquerda desumaniza mais seu exogrupo político e esses dois construtos estão positivamente correlacionados, também é possível supor que tais fenômenos podem ser contexto-dependentes como vários outros da psicologia social (Pettigrew, 2018).

Limitações são inerentes a qualquer empreitada científica e é importante aqui mencioná-las. Um desequilíbrio dos grupos no tamanho amostral é uma limitação do presente estudo. 127 participantes identificaram-se como de esquerda, 97 identificaram-se como de centro e 44 identificaram-se como de direita. Esse fator certamente influenciou nos resultados aqui apresentados. Caso os três grupos tivessem representados em números semelhante, as análises feitas poderiam ser ainda mais precisas. A divulgação do *survey* por meio de redes sociais pode ter ficado restrita a uma câmara ecoante de esquerda, apesar de ter recebido inúmeros comentários de pessoas que se declaravam como de direita. Outra limitação centra-se no fato da variável ideologia ter sido pouco analisada. Como utilizamos a categorização por grupos e a autoidentificação, preconizada pela teoria da identidade social, nossas análises basearam-se mais nos dados sobre autoidentificação política e menos na ideologia. Apesar da autoidentificação refletir a ideologia, até certo ponto, elas não se tratam do mesmo construto e mereceriam análises específicas sobre como a ideologia relaciona-se à autoidentificação. Dá mesma forma seria importante verificar, em contexto brasileiro, se há consistência a hipótese de que pessoas com maior nível educacional tendem a valorizar mais suas ideologias e o quanto isso estaria relacionado a atitudes desumanizadoras frente à questões políticas e sociais, o que fugiu ao escopo do presente trabalho.

Em um contexto internacional podemos observar o surgimento de redes sociais como o *Parler*, declaradamente de direita, após a banimento do ex-presidente americano, Donald Trump do *Twitter*, que defende ideias liberais. Tais iniciativas devem ser observadas com

cuidado, na medida em que fomentam o surgimento de nichos sociais, sobretudo virtuais, onde opiniões radicais florescem no obscurantismo de redes direcionadas a públicos específicos, sem ampla participação social. Apesar de compreendermos a seriedade de algumas declarações públicas de líderes nacionais e internacionais, não estando claras se suas intenções são meramente retóricas ou de fato acreditam nas opiniões que disseminam, banir tais figuras, que dispõem de prestígio relevante em determinados seguimentos populacionais, pode causar ainda mais revolta, fomentando revanchismos entre grupos. É importante que saibamos desenvolver mecanismos de comunicação eficazes para sustentar a democracia, mesmo diante das mais opiniões polêmicas ou extremistas.

A polarização política afetiva já não pode mais ser ignorada no Brasil. Ela é um fenômeno que ocorre em nosso cotidiano quando evitamos nos aproximar de pessoas por possuírem opiniões políticas diferentes das que sustentamos, em confraternizações familiares onde a temática da política é evitada ou, caso contrário, há conflitos e cisões devido a candidato A ou B. Ela impede que vejamos o mundo e a política da forma complexa e dialética que é e nos coloca em um contínuo polarizado, onde ideias A devem rimar com ideias A, e ideias B devem rimar com ideias B. Parece não haver mais espaço para compreendermos a realidade da forma incoerente como ela de fato se apresenta. Onde, por exemplo, pessoas com fés distintas como cristãos e umbandistas, são alvo de preconceito religioso; onde pessoas *queer*, defensoras dos Direitos Humanos, também acreditam piamente em uma economia de mercado livre e sustentável como forma de criar riqueza, prosperidade e democracia; onde mulheres cristãs enxergam o aborto como forma de proteção e cuidado com outras e não como um pecado mortal; onde uma família tradicional pode ser formada por uma única mãe.

É importante lentificarmos nossas conclusões sobre outros, com base nas pequenas pistas que temos, e perceber que, talvez, não estejamos nos vendo de fato, mas apenas tendo

impressões rasas que desconsideram a complexidade humana. O quanto isso difere, de fato, de outros processos estigmatizadores é algo que podemos nos perguntar.

Referências

- Alves, P. C. (2017). Participação política na era informacional: Um modelo para o século XXI [Master's thesis, University of Brasília]. University of Brasília Digital Archive. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32170>
- American Psychological Association. (n.d.). APA dictionary of psychology, Retrieved June 26, 2022, from <https://dictionary.apa.org>
- American National Election Services. (2007). The ANES guide to public opinion and electoral behavior. Retrieved from <https://electionstudies.org/resources/anes-guide/>
- Andrighetto, L., Baldissarri, C., Lattanzio, S., Loughnan, S., & Volpato, C. (2014). Humanitarian aid? Two forms of dehumanization and willingness to help after natural disasters. *The British Journal of Social Psychology*, 53(3), 573–584.
<https://doi.org/10.1111/bjso.12066>
- Bandura, A., Underwood, B., & Fromson, M. (1975). Disinhibition of aggression through diffusion of responsibility and dehumanization of victims. *Journal of Research in Personality*, 9(4), 253-269. [https://doi.org/10.106/0092-6566\(75\)90001-X](https://doi.org/10.106/0092-6566(75)90001-X)
- Bandura, A., Barbaranelli, C., Caprara, G. V., & Pastorelli, C. (1996). Mechanisms of moral disengagement in the exercise of moral agency. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(2), 364. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.71.2.364>
- Bastian, B., Laham, S. M., Wilson, S., Haslam, N., & Koval, P. (2011). Blaming, praising, and protecting our humanity: The implications of everyday dehumanization for judgments of moral status. *British Journal of Social Psychology*, 50(3), 469-483.
<https://doi.org/10.1348/014466610X521383>

- Batson, D. C. & Powell, A. A. (2003). Altruism and Prosocial Behavior. In Millon T., Lerner, M., & Weiner, I. (Ed.), *Handbook of Psychology Volume 5: Personality and Social Psychology*. John Wiley & Sons Inc.
- Bar-Tal, D. (2000). From Intractable Conflict through Conflict Resolution to Reconciliation: Psychological Analysis. *Political Psychology*, 21(2), 351-365.
<https://doi.org/10.1111/0162-895X.00192>
- Billig, M. G. & Tajfel, H. (1973). Social categorization and similarity in intergroup behavior. *European Journal of Social Psychology*, 3(1), 27-52.
<https://doi.org/10.1002/ejsp.2420030103>
- Bobbio, N. (1996). Left and right: The significance of a political distinction. Chicago University Press.
- Bourhis, R.Y. Giles, H., Leyens, J.P., & Tajfel, H. (1979) Psycholinguistic Distinctiveness: Language Divergence in Belgium. In H. Giles & R. St-Clair (Eds.) *Language and Social Psychology* (pp. 159-185). Oxford
- Bruneau, E., Jacoby, N., Kteily, N., & Saxe, R. (2018). Denying humanity: The distinct neural correlates of blatant dehumanization. *Journal of Experimental Psychology: General*, 147(7), 1078. <https://doi.org/10.1037/xge0000417>
- Cassese, E. C. (2021). Partisan Dehumanization in American Politics. *Political Behavior*, 43, 29-50. <https://doi.org/10.1007/s11109-019-09545-w>
- Castano, E., & Giner-Sorolla, R. (2006). Not quite human: infrahumanization in response to collective responsibility for intergroup killing. *Journal of Personality and Social Psychology*, 90(5), 804. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.90.5.804>
- Cikara, M., Botvinick, M. M., & Fiske, S. T. (2011). Us versus them: Social identity shapes neural responses to intergroup competition and harm. *Psychological Science*, 22(3), 306–313. <https://doi.org/10.1177/0956797610397667>

- Cikara, M., Bruneau, E. G., & Saxe, R. R. (2011). Us and them: Intergroup failures of empathy. *Current Directions in Psychological Science*, 20(3), 149–153.
<https://doi.org/10.1177/0963721411408713>
- Converse, P. E. (2006). The nature of belief systems in mass publics (1964). *Critical Review*, 18(1-3), 1-74. <https://doi.org/10.1080/08913810608443650>
- Couto, C., & Modesto, J. G. (2020). The Influence of Facebook on Political Activism and Radicalism. *Psico-USF*, 25(4), 637-644. <https://doi.org/10.1590/1413/82712020250404>
- Crawford, J. (2017). Are conservatives more sensitive to threat than liberals? It depends on how we define threat and conservatism. *Social Cognition*, 35(4), 354-373.
<https://doi.org/10.1521/soco.2017.35.4.354>
- Cuff, B. M. P., Brown, S. J., Taylor, L., & Howat, D. J. (2016). Empathy: A review of the concept. *Emotion Review*, 8(2), 144–153.
<https://doi.org/10.1177/1754073914558466>
- Davis, M. H. (2006). Empathy. In J. E. Staats & J. H. Turner (Ed.) *Handbook of the Sociology of Emotions*, (pp. 443–466). Springer
- Davis, M. H. (1983). A Multidimensional Approach to Individual Differences in Empathy. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44(1), 113–126.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.44.1.113>
- Decety, J. (2005). Une anatomie de l'empathie. *Psychologie et Neuropsychiatrie Cognitives*, 3(16), 16–24. <http://doi.org/10.1007/BF03006827>
- Del Vicario, M., Vivaldo, G., Bessi, A., Zollo, F., Scala, A., Caldarelli, G., & Quattrociocchi, W. (2016). Echo chambers: Emotional contagion and group polarization on facebook. *Scientific Reports*, 6(1), 1-12. <https://doi.org/10.1038/srep37825>

- Dember, W. (1991). Cognition, motivation and emotion: Ideology revisited. In R. Hoffman & D. Palermo (Ed.), *Cognition and Symbolic Processes: Applied and Ecological Perspectives* (1 st ed., pp. 153-162). Psychology Press.
- Devine, P. G., Evett, S.R., & Vasquez-suson, K.A. (1996). Exploring the interpersonal dynamics of intergroups contact. In Sorrentino, R., & Higgins, T. (Eds.), *The Handbook of motivation and cognition: The interpersonal context* (pp.423-464). Guilford
- Eres, R., & Molenberghs, P. (2013). The influence of group membership on the neural correlates involved in empathy. *Frontiers in Human Neuroscience*, 7. 1-6
<https://doi.org/10.3389/fnhum.2013.00176>
- Faul, F., Erdfelder, E., Lang, A.-G., & Buchner, A. (2007). G*Power 3: A flexible statistical power analysis program for the social, behavioral, and biomedical sciences. *Behavior Research Methods*, 39, 175-191
- Feldman, S. (2013). Political Ideology. In L. Huddy, D. O. Sears & J. S. Levy (Ed.) *The Oxford Handbook of Political Psychology* (2nd ed., pp. 591-626) Oxford.
- Flaxman, S., Goel, S., & Rao, J. M. (2016). Filter bubbles, echo chambers, and online news consumption. *Public Opinion Quarterly*, 80(1), 298-320.
<https://doi.org/10.1093/poq/nfw006>
- Fiske, S. (2019). Social Cognition. In E. Finkel & R. Baumeister (Ed.), *Advanced Social Psychology: The State of the Science* (2nd ed., pp. 63-87). Oxford.
- Fiske, S. & Taylor, S. (2017). Stereotyping: Cognition and Bias. In Block, L. (Ed.) *Social Cognition*. (3rd ed., pp. 303-335). Sage.
- Galinsky, A. D., Ku, G., & Wang, C. S. (2005). Perspective-taking and self-other overlap: Fostering social bonds and facilitating social coordination. *Group*

Processes and Intergroup Relations, 8(2), 109–124.

<https://doi.org/10.1177/1368430205051060>

Galinsky, A. D., & Moskowitz, G. B. (2000). Perspective-taking: Decreasing stereotype expression, stereotype accessibility, and in-group favoritism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(4), 708–724. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.78.4.708>

Gloria Filho, M. & Modesto, J. (2019). Morality, Activism and Radicalism in the Brazilian Left and Right. *Trends in Psychology*, 27(3), 763-777.

<https://doi.org/10.9788/TP2019.3-12>

Gloria Filho, M. & Modesto, J. (in press). Polarização política afetiva e bem-estar subjetivo no contexto político brasileiro. *PsicoPUC*.

Goff, P. A., Eberhardt, J. L., Williams, M. J., & Jackson, M. C. (2008). Not Yet Human: Implicit Knowledge, Historical Dehumanization, and Contemporary Consequences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 94(2), 292–306.

<https://doi.org/10.1037/0022-3514.94.2.292>

Graham, J., Haidt, J., & Nosek, B. A. (2009). Liberals and conservatives rely on different sets of moral foundations. *Journal of personality and social psychology*, 96(5), 1029.

<https://doi.org/10.1037/a0015141>

Haslam, N. (2006). Dehumanization: An Integrative Review. *Personality and Social Psychology Review*, 10(3), 252–264. <https://doi.org/10.1207/s15327957pspr1003>

Haslam, N., & Loughnan, S. (2014). Dehumanization and Infrahumanization. *Annual Review of Psychology*, 65(1), 399–423. [https://doi.org/10.1146/annurev-psych-](https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010213-115045)

[010213-115045](https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010213-115045)

- Haslam, N., Loughnan, S., Reynolds, C., & Wilson, S. (2007). Dehumanization: A New Perspective. *Social and Personality Psychology Compass* 1, 409–422.
<https://doi.org/10.1111/j.1751-9004.2007.00030.x>
- Haslam, N., & Stratemeyer, M. (2016). Recent research on dehumanization. *Current Opinion in Psychology*, 11, 25–29. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.03.009>
- Hasson, Y., Tamir, M., Brahm, K., Cohrs, J. & Halperin, E. (2018). Are Liberals and Conservatives Equally Motivated to Feel Empathy Toward Others? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 44(10), 1449-1459. <https://doi.org/10.1177/0146167218769867>
- Hirsh, J. B., DeYoung, C. G., Xiaowen Xu, & Peterson, J. B. (2010). Compassionate liberals and polite conservatives: associations of agreeableness with political ideology and moral values. *Personality & Social Psychology Bulletin*, 36(5), 655–664.
<https://doi.org/10.1177/0146167210366854>
- Hodson, G., Kteily, N., & Hoffarth, M. (2014). Of filthy pigs and subhuman mongrels: Dehumanization, disgust, and intergroup prejudice. *TPM: Testing, Psychometrics, Methodology in Applied Psychology*, 21(3). <https://doi.org/10.4473/TPM21.3.3>
- Huber, G. A. & Malhotra, N. (2017) Political homophily in social relationships: Evidence from online dating behavior. *The Journal of Politics*, 79(1), 269-283.
<http://doi.org/10.1086/687533>
- Hudson, S. K. T. J., Cikara, M., & Sidanius, J. (2019). Preference for hierarchy is associated with reduced empathy and increased counter-empathy towards others, especially out-group targets. *Journal of Experimental Social Psychology*, 85.
<https://doi.org/10.1016/j.jesp.2019.103871>
- Inbar, Y., Pizzaro, D., & Bloom, P., (2009). Conservatives are more easily disgusted than liberals. *Cognition & Emotion*, 23(4), 714-725.
<https://doi.org/10.1080/02699930802110007>

- Iyengar, S. & Krupenkin, M. (2018). The strengthening of partisan effect. *Advances in Political Psychology*, 39(1), 201-218. <http://doi.org/10.1111/pops.12487>
- Iyengar, S., & Massey, D. S. (2018). Scientific communication in a post-truth society. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 116(16), 7656-7661. <http://doi.org/10.1073/pnas.1805868115>
- Iyengar, S., Lelkes, Y., Levendusky, M., Malhotra, N., & Westwood, S. J. (2019). The origins and consequences of affective polarization in the United States. *Annual Review of Political Science*, 22(1), 1-18. <http://doi.org/10.1146/annurev-polisci-051117-073034>
- Iyengar, S., Sood, S., & Lelkes, Y. (2012). Affect, not ideology: A social identity perspective on polarization. *Public Opinion Quarterly*, 76(3), 405-431.
<http://doi.org/10.1093/poq/nfs038>
- Iyengar, S., & Westwood, S. (2015). Fear and loathing across party lines: New evidence on group polarization. *American Journal of Political Science*, 59(3), 690-70.
<http://doi.org/10.1111/ajps.12152>
- Jackson, L. E., & Gaertner, L. (2010). Mechanisms of moral disengagement and their differential use by right-wing authoritarianism and social dominance orientation in support of war. *Aggressive Behavior*, 36(4), 238-250. <https://doi.org/10.1002/ab.20344>
- Johnston, C., Lavine, H., & Federico, C. (2017). *Open versus closed: Personality, identity and the politics of redistribution*. Cambridge University Press.
- Jost, J. T., & Amodio, D. M. (2012). Political ideology as motivated social cognition: Behavioral and neuroscientific evidence. *Motivation and Emotion*, 36(1), 55-64.
<https://doi.org/10.1007/s11031-011-9260-7>
- Jost, J. T. (2017). Ideological asymmetries and the essence of political psychology. *Political Psychology*, 38(2), 167-208. <https://doi.org/10.1111/pops.12407>

- Kamans, E., Gordijn, E. H., Oldenhuis, H., & Otten, S. (2009). What I think you see is what you get: Influence of prejudice on assimilation to negative meta-stereotypes among Dutch Moroccan teenagers. *European Journal of Social Psychology*, 39(5), 842-851. <https://doi.org/10.1002/ejsp.593>
- Kahneman, D., & Tversky, A. (1973). On the psychology of prediction. *Psychological review*, 80(4), 237. <https://doi.org/10.1037/h0034747>
- Klein, S., Heck, D., Gehard, R., & Hilbig, B. (2019). On the relationship between openness to experience, political orientation and pro-environmental behavior. *Personality and Individual Differences*, 138(1), 344-348. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.10.017>
- Kteily, N., Bruneau, E., Waytz, A., & Cotterill, S. (2015). The ascent of man: Theoretical and empirical evidence for blatant dehumanization. *Journal of Personality and Social Psychology*, 109(5), 901–931. <https://doi.org/10.1037/pspp0000048>
- Kteily, N. S., & Bruneau, E. (2017). Darker demons of our nature: The need to (re) focus attention on blatant forms of dehumanization. *Current Directions in Psychological Science*, 26(6), 487-494. <https://doi.org/10.1177/0963721417708230>
- Kteily, N., Hodson, G., & Bruneau, E. (2016). They see us as less than human: Metadehumanization predicts intergroup conflict via reciprocal dehumanization. *Journal of Personality and Social Psychology*, 110(3), 343–370. <https://doi.org/10.1037/pspa0000044>
- Kteily, N. S., & Landry, A. P. (2022). Dehumanization: trends, insights, and challenges. *Trends in cognitive sciences*. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2021.12.003>
- Leyens, J., Paladino, P., Rodriguez-Torres, R., Demoulin, J., Rodriguez-Perez, A., & Gaunt, R. (2000). The emotional side of prejudice: The attribution of secondary emotions to in-groups and outgroups. *Personality and Social Psychology Review*, 4(2), 186-197. https://doi.org/10.1207/S15327957PSPR0402_06

- Levendusky, M. S. (2013). Why do partisan media polarize viewers? *American Journal of Political Science*, 57(3), 611–623. <https://doi.org/10.1111/ajps.12008>
- Lévis-Strauss, C. (1952). *Race and History*. UNESCO
- Martherus, J. L., Martinez, A. G., Piff, P. K., & Theodoridis, A. G. (2021). Party animals? Extreme partisan polarization and dehumanization. *Political Behavior*, 43(2), 517-540. <https://doi.org/10.1007/s11109-019-09559-4>
- Martinez, A. G. (2014). When “they” become “i”: Ascribing humanity to mental illness influences treatment-seeking for mental/behavioral health conditions. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 33(2), 187–206. <https://doi.org/10.1521/jscp.2014.33.2.187>
- McCoy, J., Rahman, T. & Somer, M. (2018). Polarization and the Global Crisis of Democracy: Common Patterns, Dynamics and Pernicious Consequences for Democratic Polities. *American Behavioural Scientist*, 62(1), 16-42. <https://doi.org/10.1177/0002764218759576>
- Moreira, L. V., DeSouza, M. L., & Guerra, V. M. (2018). Self-perception, empathy and moral self-concept predict moral concerns in adults. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 28. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e2818>
- Morris, S.G. (2020). Empathy and the Liberal-Conservative Political Divide in the U.S. *Journal of Social and Political Psychology*, 8(1), 08-24. <https://doi.org/10.5964/jspp.v8i1.1102>
- Pacilli, M. G., Roccato, M., Pagliaro, S., & Russo, S. (2016). From political opponents to enemies? The role of perceived moral distance in the animalistic dehumanization of the political outgroup. *Group Processes and Intergroup Relations*, 19(3), 360–373. <https://doi.org/10.1177/1368430215590490>

- Pettigrew, T. F. (2018). The emergence of contextual social psychology. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 44(7), 963-971. <https://doi.org/10.1177/0146167218756033>
- Riess, H. (2017). The Science of Empathy. *Journal of Patient Experience*, 4(2), 74–77. <https://doi.org/10.1177/2374373517699267>
- Rogers, C. (1959). A Theory of Therapy, Personality, and Interpersonal Relationships: As Developed in the Client-centered Framework. In Koch, S. (Ed.) *Psychology: A Study of a Science, Volume 3: Formulations of the Person and the Social Context* (pp.184–256) Mc-Graw Hill Book Company Inc.
- Sampaio, L., Guimarães, P., Camino, C., Formiga, N., & Menezes, I.(2011). Estudos sobre a dimensionalidade da empatia tradução e adaptação do *Interpersonal Reactivity Index* (IRI). *Psico*, 42(1), 67–76. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/6456>
- Schieman, S., Bierman, A., & Upenieks, L. (2019). Beyond “heartless conservative” and “bleeding heart liberal” caricatures: How religiosity shapes the relationship between political orientation and empathy. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 58(2), 360-377. <https://doi.org/10.1111/jssr.12595>
- Schroeder, J., & Epley, N. (2020). Demeaning: Dehumanizing others by minimizing the importance of their psychological needs. *Journal of Personality and Social Psychology*, 119(4), 765. <https://doi.org/10.1037/pspa0000199>
- Schumann, K., Zaki, J., & Dweck, C. S. (2014). Addressing the empathy deficit: beliefs about the malleability of empathy predict effortful responses when empathy is challenging. *Journal of personality and social psychology*, 107(3), 475. <https://doi.org/10.1037/a0036738>
- Stankov, L. (2009). Conservatism and cognitive ability. *Intelligence*, 37(3), 294–304. <https://doi.org/10.1016/j.intell.2008.12.007>

- Strupp-Levitsky, M., Noorbaloochi, S., Shipley, A., & Jost, J. T. (2020). Moral “foundations” as the product of motivated social cognition: Empathy and other psychological underpinnings of ideological divergence in “individualizing” and “binding” concerns. *PloS one*, *15*(11). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0241144>
- Simas, E., Clifford, S., & Krikland, J. (2020). How Empathic Concern Fuels Political Polarization. *American Political Science Review*, *114*(1), 258-269. <https://doi.org/10.1017/S0003055419000534>
- Simon, A. (2018, June 19). People are angry president Trump used this word to describe undocumented immigrants. *Time*. <https://time.com/5316087/donald-trump-immigration-infest/>
- Tajfel, H., & Turner, J. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W.G. Austin & Stephen Worchel (Eds.), *The Social Psychology of Intergroup Relations* (pp. 33-47). Monterrey, CA: Brooks/Cole
- Tajfel, H., Billig, M. G., Bundy, R. P. & Flament, C. (1971). Social categorization and intergroup behaviour. *European Journal of Social Psychology*, *1*(2), 149-178. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420010202>
- Terren, L., & Borge-Bravo, R. (2021). Echo Chambers on Social Media: A Systematic Review of the Literature. *Review of Communication Research*, *9*, 99-118. <https://doi.org/10.48550/arXiv.2112.05084>
- The Obama White House. (2009, June 9). *President Obama Visits Buchenwald Concentration Camp*. [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=7VxXZby4shw&t=349s>
- Van Baar, J., Halpern, D., & FeldmanHall, O. (2021). Intolerance of uncertainty modulates brain-to-brain synchrony during politically polarized perception. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, *118*(20). <https://doi.org/10.1073/pnas.2022491118>

- Vorauer, J. D., Hunter, A. J., Main, K. J., & Roy, S. A. (2000). Meta-stereotype activation: Evidence from indirect measures for specific evaluative concerns experienced by members of dominant groups in intergroup interaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(4), 690–707. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.78.4.690>
- Vorauer, J. D., Main, K. J., & O’Connell, G. B. (1998). How do individuals expect to be viewed by members of lower status groups? Content and implications of meta-stereotypes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75(4), 917–937. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.75.4.917>
- Yzerbyt, V. & Demoulin, S. (2010). Intergroup Relations. In Fiske, S., Gilbert, D., & Lindzey, G. (Eds.), *Handbook of Social Psychology* (5th ed., pp.1024-1083) John Wiley & Sons
- Zaki, J. (2014). Empathy: A motivated account. *Psychological Bulletin*, 140(6), 1608–1647. <https://doi.org/10.1037/a0037679>
- Zaki, J., & Cikara, M. (2015). Addressing Empathic Failures. *Current Directions in Psychological Science*, 24(6), 471–476. <https://doi.org/10.1177/0963721415599978>
- Zhou, W., & Hare, B. (2022). The Early Expression of Blatant Dehumanization in Children and Its Association with Outgroup Negativity. *Human Nature*, 1-19. <https://doi.org/10.1007/s12110-022-09427-x>

Anexo I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar anônima e voluntariamente de uma pesquisa sobre comportamento político e a respeito de atitudes e opiniões sobre a sociedade em geral do Laboratório de Psicologia Social (LAPSOCIAL) da Universidade de Brasília (UnB).

Para participar é necessário ser brasileiro(a), ter mais de 18 anos de idade e ter votado nas eleições presidenciais de 2018.

A participação consistirá apenas na resposta do questionário a seguir e apresenta risco mínimo de cunho físico, moral ou psicológico, estando todos os dados e identidades dos participantes sob garantia de total confidencialidade.

Nenhuma informação pessoal será divulgada. Apenas informações agregadas serão divulgadas. Os resultados deste trabalho serão divulgados em contexto acadêmico como relatórios de pesquisa.

São necessários cerca de 15 minutos para resposta completa do questionário.

Caso você deseje poderá deixar de responder o questionário a qualquer momento, mesmo após ter iniciado. Isto não trará qualquer prejuízo a você.

Sua participação possibilitará uma maior compreensão acerca de efeitos da polarização política no comportamento eleitoral, beneficiando a compreensão do atual cenário político brasileiro.

Agradecemos desde já seu tempo e colaboração.

Pesquisador responsável: Mario Gloria Filho
gloriafilho.mario@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Pilati
rpilati@unb.br

Concordo em participar ()

Não concordo em participar ()

Anexo II

Escala de Ideologia Política

“Gostaríamos de saber mais um pouco mais a respeito de sua visão de mundo. Por favor responda o quanto você concorda com cada uma das afirmativas a seguir”

		Discordo totalmente	Discordo	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo	Concordo totalmente
1	O mundo era menos chato antes do "politicamente correto" (invertida)						
2	A legalização e regulamentação do uso de drogas atualmente ilícitas trará resultados positivos						
3	O aborto deveria ser legalizado						
4	Criminosos deveriam ser punidos com a morte (invertida)						
5	Somente casais heterossexuais devem poder adotar (invertida)						
6	A ciência não deve “brincar de Deus” com pesquisas de clonagem, células tronco e afins						
7	A separação entre a religião e as decisões legais e políticas é essencial						
8	Mérito próprio é suficiente para ser bem sucedido no Brasil (invertida)						
9	Serviços como saúde e educação universal de qualidade devem ser oferecidos pelo governo						
10	O mercado é um administrador mais honesto que o governo (invertida)						
11	Quanto menos o governo intervir na sociedade, melhor a situação do país (invertida)						

12	A equidade social é mais importante que a liberdade econômica						
13	O governo deve regular o mercado para prover o interesse público						
14	É obrigação da nação trabalhar para a redução das desigualdades sociais						
15	Imposto é roubo independente do que for feito com o dinheiro arrecadado (invertida)						

Anexo III

Termômetro de Sentimentos

“Obrigado por ter completado a primeira parte do nosso estudo. Agora gostaríamos de saber mais sobre seus sentimentos a respeito das pessoas que tiveram posicionamentos distintos no 2º turno das eleições presidenciais de 2018. Os posicionamentos aparecerão nas telas a seguir e você terá de marcar seu sentimento (frio ou caloroso) em relação às pessoas que tiveram esse posicionamento no termômetro de sentimentos. Você poderá escolher qualquer temperatura entre 0° e 100°. Quanto mais alta a temperatura, mais caloroso (a) e receptivo(a) você sente-se em relação às pessoas que tiveram posicionamento mostrado, quanto mais baixa a temperatura, mais frio e distante você se sente em relação às pessoas que tiveram o posicionamento mostrado. 50°, ou o meio do termômetro, indica que você não tem sentimentos bons nem ruins em relação às pessoas que tiveram o posicionamento mostrado.”

1) Em uma escala de 0° a 100°, na qual 0° significa totalmente frio e distante, 50° significa indiferente e 100° significa caloroso e próximo, marque como você se sente em relação às pessoas que **votaram no candidato Jair Bolsonaro** no 2º turno das eleições de 2018:



1	0°	Totalmente frio e distante
2	10°	
3	20°	
4	30°	
5	40°	
6	50°	Indiferente
7	60°	
8	70°	
9	80°	
10	90°	
11	100°	Totalmente caloroso e receptivo

2) Em uma escala de 0° a 100°, na qual 0° significa totalmente frio e distante, 50° significa indiferente e 100° significa caloroso e próximo, marque como você se sente em relação às pessoas que votaram no candidato **Fernando Haddad** no 2° turno das eleições de 2018:



1	0°	Totalmente frio e distante
2	10°	
3	20°	
4	30°	
5	40°	
6	50°	Indiferente
7	60°	
8	70°	
9	80°	
10	90°	
11	100°	Totalmente caloroso e receptivo

3) Em uma escala de 0° a 100°, na qual 0° significa totalmente frio e distante, 50° significa indiferente e 100° significa caloroso e próximo, marque como você se sente em relação às pessoas que **votaram em branco** no 2° turno das eleições de 2018:

1	0°	Totalmente frio e distante
2	10°	
3	20°	
4	30°	
5	40°	
6	50°	Indiferente
7	60°	
8	70°	
9	80°	
10	90°	
11	100°	Totalmente caloroso e receptivo

4) Em uma escala de 0° a 100°, na qual 0° significa totalmente frio e distante, 50° significa indiferente e 100° significa caloroso e próximo, marque como você se sente em relação às pessoas que **votaram nulo** no 2° turno das eleições de 2018:

1	0°	Totalmente frio e distante
2	10°	
3	20°	
4	30°	
5	40°	
6	50°	Indiferente
7	60°	
8	70°	
9	80°	
10	90°	
11	100°	Totalmente caloroso e receptivo

Anexo IV

Índice de Reatividade Interpessoal

“Obrigado por ter completado a segunda parte de nosso estudo! Como estamos tentando compreender melhor os sentimentos das pessoas no contexto atual, gostaríamos de continuar contando com a sua colaboração por mais alguns minutos. Algumas frases serão apresentadas a você e estarão acompanhadas de uma escala numérica que varia de 1 a 5, na qual 1 corresponde a “não me descreve bem” e 5 corresponde a “descreve-me muito bem”. Por favor selecione na escala o quanto cada afirmação descreve você.”

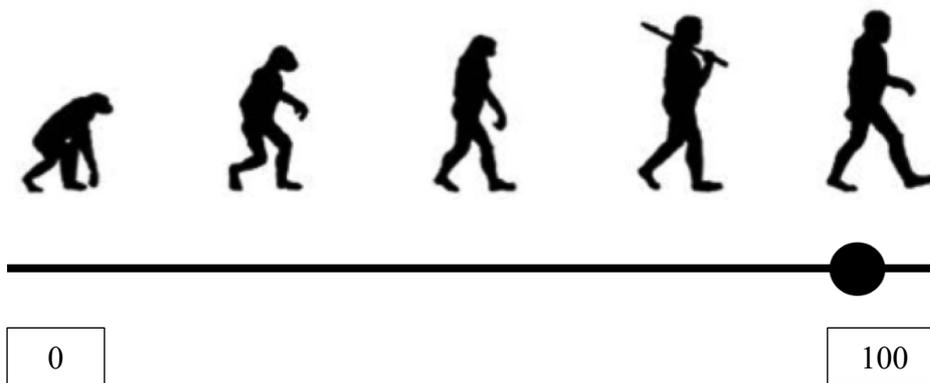
		1	2	3	4	5
1	Tenho facilidade de assumir a posição de um personagem de filme					
2	Depois de ver uma peça de teatro ou um filme sinto-me envolvido com seus personagens					
3	Habitualmente me envolvo emocionalmente com filmes e/ou livros					
4	Sinto emoções de um personagem de filme como se fossem minhas próprias emoções					
5	Sou neutro quanto vejo filmes					
6	Costumo fantasiar com coisas que poderiam me acontecer					
7	Quando vejo uma história interessante, imagino como me sentiria se ela estivesse acontecendo comigo					
8	Preocupo-me com as pessoas que não têm uma boa qualidade de vida					
9	Sinto compaixão quando alguém é tratado injustamente					
10	Incomodo-me com as coisas ruins que acontecem com os outros					
11	Fico comovido com os problemas dos outros					
12	Quando vejo que se aproveitam de alguém, sinto necessidade de protegê-lo					
13	Costumo me emocionar com as coisas que vejo acontecer aos outros					
14	Descrevo-me como uma pessoa de “coração mole” (muito sensível)					
15	Habitualmente fico nervoso quando vejo pessoas feridas					
16	Fico apreensivo em situações emergenciais					
17	Fico tenso em situações de fortes emoções					
18	Tendo a perder o controle durante emergências					
19	Sinto-me indefeso numa situação emotiva					

20	Perco o controle quando vejo alguém que esteja precisando de muita ajuda					
21	Tento compreender meus amigos imaginando como eles veem as coisas					
22	Escuto os argumentos dos outros, mesmo estando convicto de minha opinião					
23	Antes de tomar alguma decisão procuro avaliar todas as perspectivas					
24	Tento compreender o argumento dos outros					
25	Imagino como as pessoas se sentem quando eu as critico					
26	Coloco-me no lugar do outro se eu me preocupo com ele					

Anexo V**Desumanização Explícita**

“Esta é a penúltima e mais rápida tarefa a ser realizada.”

Agora pense nas pessoas que votaram no candidato oposto ao seu no 2º turno das eleições de 2018. Indique no slide abaixo como você as percebe.



Anexo VI**Dados Demográficos**

“Pronto! Chegamos ao final! Agora só faltam alguns dados demográficos para finalizar”

Você votou no 2º turno das eleições de 2018?

Sim ()

Não ()

Em quem você votou no 2º turno das eleições de 2018?

() Bolsonaro

() Haddad

() Branco

() Nulo

Como você se identifica politicamente?

() Esquerda

() Centro-esquerda

() Centro

() Centro-direita

() Direita

Gênero

Feminino ()

Masculino ()

Outro ()

Idade

UF de residência

AC ()

AL ()

AM ()

AP ()

BA ()

CE ()

DF ()

ES ()

GO ()

MA ()

MG ()

MS ()

MT ()
PA ()
PB ()
PE ()
PI ()
PR ()
RJ ()
RN ()
RO ()
RR ()
RS ()
SC ()
SE ()
SP ()
TO ()
Brasileiro residente no exterior ()

Renda familiar aproximada

1 a 3 salários-mínimos – R\$ 1.100 a R\$ 3.300
3 a 6 salários-mínimos – R\$ 3.300 a R\$ 6.600
6 a 9 salários-mínimos – R\$ 6.600 a R\$ 9.900
10 ou mais salários-mínimos – mais de R\$ 11.000

Escolaridade

Ensino fundamental ()
Ensino médio ()
Ensino superior ()
Pós-graduação ()

Estado civil

Solteiro ()
Casado ()
União estável
Divorciado ()
Viúvo ()
Separado Judicialmente ()
É complicado ()

“Muito obrigado por contribuir com o avanço da ciência brasileira!”